

Por fim em silêncio

BRUNO LEÃO



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Conteúdo sexual explícito

Discriminação e preconceito

Droga e álcool

Gaslighting

Homofobia e bifobia

Manipulação

Perturbação alimentar

Relações abusivas e tóxicas

Trauma

Violência física

e psicológica

Para quem passou ou está a passar por aquilo que eu passei,
aqui está um mundo onde podes ser tu mesmo.



Não é o Fim da História

29 de janeiro de 2024



Desligo a chamada. Tenho vontade de me deitar à sombra, a olhar para o céu, e ignorar todos os meus problemas. Se este fosse um dia qualquer, não conseguiria afastar a onda de pensamentos que me percorre a cabeça. Porém, hoje permito-me acreditar que posso deixar a responsabilidade de lidar com o que me incomoda para o Samu do futuro, e cedo a esse desejo. Estico-me na relva do parque, ainda húmida do orvalho matinal, e começo a atribuir histórias inventadas a cada uma das nuvens que ganha forma perante o meu olhar. Sem dúvida que inventar todo um novo universo é mais fácil do que resolver a minha própria realidade.

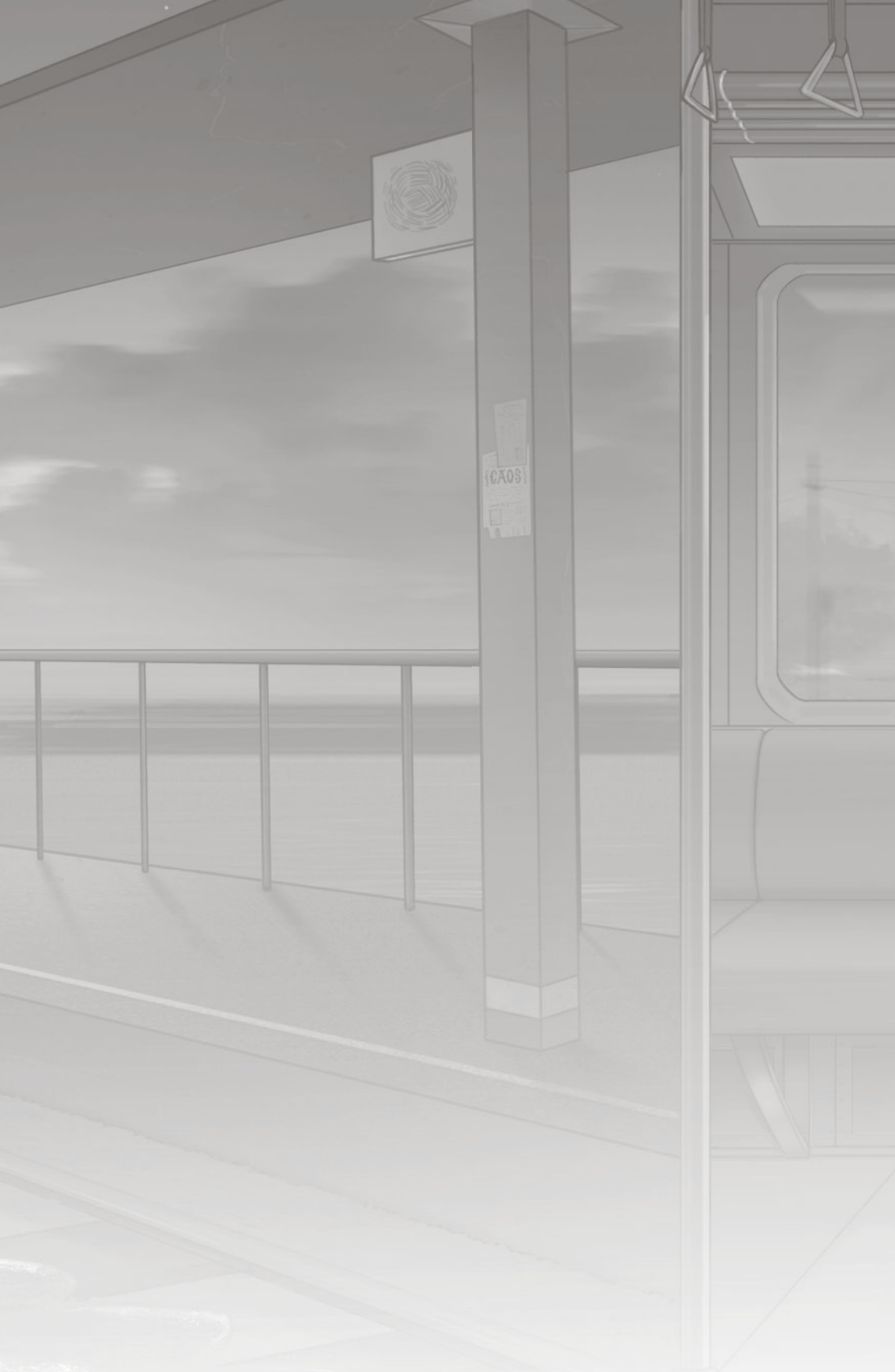
Deixo a minha imaginação voar e vejo um guerreiro sem armadura, um piloto de Fórmula 1 que acabou de vencer uma corrida e, a minha imagem favorita, dois amantes aprisionados pelas normas da sociedade. Nenhuma destas histórias é a resposta para os meus problemas. Não me dão uma solução mágica, nem me fazem ter uma epifania, mas são ideais para me manter a mente ocupada durante um bom bocado, o que, por vezes, é suficiente. Contudo, se aprendi alguma coisa, foi que não é nelas que tenho de procurar soluções. Tenho sim de respirar fundo e perceber como resolver aquilo que sinto. Especialmente agora que sou só eu, sem Martim e sem Filipe.

Com uma das mãos bem no alto, formo meio coração na direção dos amantes da nuvem, para que possam ver que, afinal, não estão sozinhos neste mundo.

Espero que a brisa que me arpeia os braços seja a resposta.

Parte 1







Um

20 de agosto de 2023

Nunca és apenas o que transpareces para o mundo. És sempre a combinação daquilo que ouves, lês e defendes. És a combinação da tua sweat favorita, da tua cor de cabelo e das meias que usas, que podem, ou não, ser do mesmo par. És fruto dos valores que tens e das pessoas com quem te dás. Tu és o que amas e ninguém te pode tirar isso, a não ser que o permitas. Uma bonita linha de pensamento interrompida por um berro da Joana assim que lhe digo que dei match com um gajo no Tinder e que estamos a falar há dois dias.

— Convida-o para a minha festa amanhã! — diz, enquanto esbrança entusiasmadamente.

Sorriso-lhe de forma cúmplice, com a luz do ecrã a incidir na minha cara. Gostava de ser o tipo de pessoa que arrisca sem pensar duas vezes. Quero deixar de ser um covarde que tem medo de sair da sua zona de conforto. Mas isso seria pedir demasiado, não é?

Estou nesta situação por culpa minha. Tudo começou de uma forma muito inocente, por comparação com o caminho que está a tomar. A Joana só queria ajuda para planear a festa, mas depois de dez minutos a ouvi-la a divagar e a concordar consigo mesma, admito que desisti e acabei por desviar a minha atenção para o telemóvel. Grande erro.

— Ele está a escrever! — digo, enquanto tento conter o entusiasmo, por mais difícil que seja.

— Vá, Samu, diz-lhe para vir à minha festa. Convida-o!

— És louca!

— Louca? Dá cá isso! — Atira-se a mim e tenta tirar-me o telemóvel das mãos.

— Nem pensar! — Afasto-me, acabando na ponta oposta da cama.

Corremos pelo quarto como duas crianças a jogar à apanhada.

— É o sítio perfeito para se encontrarem, Samu! — E continua atrás de mim com a mão esticada na minha direção, como se eu estivesse prestes a entregar-lhe o telemóvel. — É melhor do que se encontrarem sozinhos num sítio desconhecido.

O argumento dela é legítimo, mas eu prefiro usar a cartada do «*Não quero saber*».

— Sim, é um sítio que eu conheço, mas que vai estar cheio de pessoas que *não* conheço... todo o secundário, mais os acompanhantes... — protesto, batendo repetidamente com o indicador na testa, anunciando a sua insanidade.

Paramos, cansados, e ficamos dobrados a arfar enquanto recuperamos o fôlego. Inclínamos a cabeça um para o outro ao mesmo tempo, entrando numa espécie de competição. Quero evitar que um desastre aconteça, por isso tento ao máximo não piscar os olhos para não lhe dar o que ela quer, mas sem sucesso. Pisco.

— Toma! — Ergo o telemóvel. — Desisto. Faz o que quiseres.

Ela agarra-o e deita-se na cama.

— Estás a falar a sério? — pergunta-me com os olhos tão arregalados que quase lhe saltam do rosto.

— Tudo pelo plot, certo? — Sou demasiado fiel a este conceito.

A Joana continua aos risinhos para consigo mesma, mantendo o telemóvel bem agarrado com as duas mãos e perto da cara. Até bate os pés de tanto entusiasmo. Se eu crio toda uma vida em trinta segundos, ela cria uma árvore genológica em cinco. Na sua cabeça já devo estar casado e no terceiro filho com este rapaz.

— Enviei — afirma.

Devolve-me o telemóvel com o seu ar de missão cumprida e eu concentro-me na mensagem que ela escreveu. É simples e direta. Pouco mais diz para além da morada da sua casa, a data e a hora a que a festa começa. Neste momento, o rapaz do Tinder sabe mais sobre esta noite do que eu.

— Sabes que te vou matar um dia, não sabes? — Encho as bochechas de ar para parecer chateado.

— Estou à espera desse momento desde que nos tornámos amigos — troça ela.





Dois

20 de agosto de 2023

Se olhar à minha volta, vejo um monte de adolescentes com copos nas mãos, a dançarem por toda a casa. Já são muitas as garrafas vazias abandonadas pelas mesas e corredores.

A música está ridiculamente alta e ecoa pelas paredes, e os leds que instalei a pedido da Joana emitem uma luz vermelha hipnotizante que é refletida nas roupas. Além disso, os braços musculados de alguns rapazes com roupa mais justa saem realçados pelo ambiente, o que me agrada mais do que gosto de admitir.

A Joana anda de um lado para o outro a ver se não se esqueceu de nada e espreita pela porta para ver se os novos barris de cerveja ainda demoram muito a chegar. Até o entregador de pizza, que tinha dado o seu turno por terminado, entra para se juntar à festa.

Tal como eu previra, todo o secundário está aqui, juntamente com um monte de acompanhantes extras. E não me estou só a referir aos parceiros de cada convidado em concreto, mas sim a grupos enormes de pessoas que se juntaram para se divertirem. Esta é uma verdadeira festa de arromba e está cheia de pessoas que não conheço de lado nenhum. Podia jurar que é um concerto da Taylor Swift.

Tento ajustar-me ao ambiente, mas a Joana é definitivamente a alma da festa e toda a gente sabe disso. Dou-me por vencido, sentando-me no sofá castanho, drenado de energia. Os meus olhos

piscam cada vez mais devagar, e a cada pestanejar faço um esforço maior para os manter abertos. Queria mesmo era poder dar-me ao luxo de os fechar.

Cedo e deixo a cabeça cair para a frente, mas o barulho das risadas à minha volta aumenta e não consigo entregar-me completamente aos meus sonhos. Cambaleio até ao barril aberto e faço o impensável: bebo uma cerveja. O resto das bebidas já foi dividido pelos diferentes grupos e não tenho coragem de ir lá servir-me. Bebo a cerveja de um trago, para o seu gosto não perdurar na minha boca, enquanto observo a pista de dança. Estou praticamente sentado no barril, enquanto penso que, de tudo o que há para fazer, dançar parece ser a ideia menos intimidante. Bato na cara três vezes para despertar e avanço em direção à pior decisão que provavelmente alguma vez tomei.

Esgueiro-me por entre as pessoas para poder ficar camuflado. Pelo menos assim ninguém tem de assistir aos meus passos de dança enfadonhos e também não há a hipótese de os gravarem para a posteridade. Mexo-me e tento ignorar o ambiente que me envolve, imaginando que ninguém está a olhar para mim com um ar crítico. Copio os movimentos de diferentes pessoas à minha volta até me sentir confortável para ser apenas eu mesmo.

Sinto a música a guiar os meus passos e a tirar-me da minha zona de conforto. O meu corpo está quente, há gotas de suor a escorrer pela minha testa e o meu sorriso surge de forma involuntária.

Paro quando vejo o rapaz loiro, de quem estava à espera, a entrar e a pousar a garrafa de vinho na primeira superfície livre que encontra para, em seguida, poder atirar-se para a pista de dança. As suas costas parecem enormes e perfeitas para agarrar, o seu peito definido e escultural ideal para pousar a minha cabeça. Finalmente chegou o momento! Nem acredito que ele veio. Não tiro o olhar dele. Parece que está no seu habitat natural, os seus movimentos são fluídos e sincronizados, e não parece desajeitado e embaraçado como eu.

Mantenho-me atento, enquanto balanço o corpo para esconder que tenho o coração a mil. Ele é um sonho. Cada detalhe seu parece-me familiar, como se tivesse sido esculpido por uma entidade divina, cada milímetro dele, cada átomo, preciosamente colocado e destinado a encontrar-se com os meus.

Ele roda o corpo e cruza o olhar com o meu, por entre os ombros das várias pessoas que nos separam. Coro e desvio o olhar o mais rápido que consigo, rezando ao mesmo tempo para ele não reparar e para que seja ele a dar o primeiro passo.

O que é suposto fazer numa situação destas? Como é suposto agir? Quais são os passos que são considerados corretos?

Eu não me preparei para isto.





Três

20 de agosto de 2023

Passado um segundo, volto a olhar para o rapaz, e tenho quase a certeza de que ele também está a olhar para mim. Não sei o que fiz para captar a sua atenção, mas o que raio tenha feito resultou, porque os seus olhos estão fixos nos meus.

— Ei, sou o Martim — diz-me, tocando-me no antebraço e colocando a sua boca perto do meu ouvido, para se fazer ouvir por cima da música alta.

Sinto que ele está à espera de alguma reação, quer seja de aprovação ou rejeição.

— E tu? — insiste.

— Samuel — respondo baixinho.

— Desculpa, podes repetir?

— Samu — grito, no preciso momento em que uma música acaba e outra começa.

Boa. Agora toda a gente ficou a saber o meu nome.

Começo a tossir para disfarçar o meu embaraço. Será que ele não me está mesmo a reconhecer das nossas conversas no Tinder?

— Acho que ouvi a minha amiga a chamar-me. Vou apenas... sabes? Ver se ela precisa de algo. — Saio em passo acelerado e afasto-me do seu perímetro, só parando quando a encontro. — Joana, finalmente! Onde é que tens andado? — digo da forma mais natural possível.

— Talvez a manter a festa viva?!— Gesticula ela, de olhos muito abertos como se fosse claro como a água.

Reviro os olhos perante o seu sarcasmo.

— O rapaz do Tinder apareceu e eu fiquei nervoso. Comecei a falar para dentro e nem consegui dizer o meu nome num tom decente... — Estou sem fôlego para continuar.

— Samu, respira — diz a Joana e espera que eu me recomponha durante alguns segundos. — Ótimo! Agora conta-me outra vez o que aconteceu.

— O rapaz do Tinder, aquele que convidaste por mensagem, apareceu, e acho que estava a tentar conversar comigo ou assim e foi meio assustador, então fugi. Não deveria ter fugido, pois não? Ou deveria?

— Como assim, Samu? Ele ter vindo é ótimo! Onde é que ele está?

— É aquele rapaz loiro! — Aponto para onde o tinha deixado, mas ele já lá não está.

— Não está ali ninguém loiro, Samu — diz a Joana, semicerrando os olhos.

— Juro que ele ainda agora ali estava.

— E se fosses apanhar um pouco de ar? Podia fazer-te bem — sugere, esfregando a mão no meu ombro.

Assinto, mas a Joana já está a desaparecer por entre a multidão. Eu não posso ter imaginado aquilo.

Abro a porta da rua e claro que, com a sorte que tenho, ali está ele, como que por magia. Fumador. Que típico. Provavelmente não consegue ficar mais do que 20 minutos sem fumar.

Os seus olhos azuis olham para mim em forma de... desejo?

— Fiz alguma coisa que te tenha afugentado? — pergunta, encarando o horizonte.

— Não... claro que não... só me perguntaste o nome. Eu é que não te deixei dizer mais nada. — Suspiro enquanto brinco com os dedos, nervosamente.

— Ao menos conseguiste ajudar a tua amiga?

— Acho que acabou por ser mais ao contrário. — Rio-me desajeitadamente, nervoso.

— Por um desconhecido ter falado contigo?
— diz num tom quase de provocação. Não o categorizaria propriamente como desconhecido, mas não o quero corrigir.

— Talvez. — Sinto-me a corar de embaraço.

— Esse desgraçado não tem maneiras?

Solto uma gargalhada para logo me conter com medo de que seja errado rir-me desta maneira à sua frente.

— Em sua defesa — começa, estendendo a mão na minha direção —, acho que ele não tinha a intenção de afugentar o rapaz mais bonito da festa.

OK, ele está definitivamente a flertar comigo.

— Ao menos agora sei que ele deve ter problemas de visão... — suspiro.

Estarei a afugentá-lo? Não sei o que fazer nestas situações. Como raio é que se flerta? Devia existir um manual.

— Auch. Problemas de autoestima?

— Não... Mas antes tê-la a menos do que a mais. — Toco com o dedo indicador no seu peito. Acho que nunca fui tão atrevido em toda a minha vida... não sei de onde é que isto saiu. Mentira, se calhar até sei. Deve ser graças àquilo a que chamam coragem líquida.

Perante o meu comentário, o Martim ri-se entre baforadas. É um riso suspirado, que passa pelo pequeno espaço entre os seus dentes. Paro-me antes de deixar a minha cabeça divagar. Nunca me consigo impedir de reparar em pormenores nos quais mais ninguém repara. Gosto de ter essa capacidade, mas por vezes não posso pensar nos sentimentos que isso desperta em mim. Pormenores mexem demasiado comigo, muito mais do que as coisas evidentes. *Não penses, Samu. Não deixes que isso te afete tanto. Vive o momento.* A brisa da



noite atira o fumo do seu cigarro contra a minha cara, o que me faz tossir.

— Está a incomodar-te? — pergunta. Eu assinto. — Desculpa, não foi de propósito. Se bem que consigo pensar em planos mais interessantes do que deixar-te irritado.

— Nesse caso talvez não me incomodasse assim tanto.

Ele sorri de forma provocadora e os meus olhos viajam do seu peito para a sua boca e vice-versa, o que lhe deixa um ligeiro sorriso no rosto. Sinto-me o mestre do flerte depois destas últimas respostas. Acho que o álcool está mesmo a começar a fazer efeito.

Ele transmite-me uma sensação estranha. Por um lado, parece o clássico príncipe encantado de olhos azuis e cabelo loiro, quase incolor. Mas, por outro, tem uns braços finos, ainda que com veias salientes, uns dedos quase esqueléticos, e um ar rebelde e caótico — especialmente quando o cigarro regressa à sua boca e ele leva a mão direita ao alargador que tem na orelha. Não tem nada de príncipe encantado. E eu sinto-me estranhamente atraído por esse lado mais perigoso.

— Martim, certo?

— Sabes bem que sim. Suponho que não queiras um bafo, *Samuel*. Afinal ele ouviu o meu nome à primeira?

— Não, de todo. Nem percebo bem o porquê de alguém fumar.

— Cada um tem as suas razões. Uns fumam porque querem morrer mais depressa, outros para poderem sentir alguma coisa, e outros apenas para pertencerem a algum lugar ou grupo.

— E tu? Porque é que o fazes? — pergunto, curioso.

— Talvez por todas as razões que te dei. Cada uma no seu devido momento, mas já o fiz por todas.

Por querer morrer mais depressa, para poder sentir algo e para pertencer a um grupo. São *mesmo* essas as razões que levam uma pessoa a fumar?

— Mas não fiques a pensar muito nisso, tu não és o tipo de pessoa que decide simplesmente começar a fumar.

— Porque achas isso?

— Tu és o tipo de pessoa por quem qualquer um se apaixona. Tens uma certa aura à tua volta, uma aura de ingenuidade, que faz com que todos te queiram proteger, a *TODO-O-CUSTO*. Qualquer um quereria ser o príncipe encantado da tua história — dá mais um bafo — e, para isso, precisariam de te proteger.

— Quem me dera que isso fosse verdade. Acho que ninguém quer ser o meu príncipe encantado.

— Tenho a certeza de que muitas pessoas adorariam. Eu, pelo menos, não me importava. Mas, na realidade, sou aquele que todos querem ver longe de ti. Sou o vilão que à primeira oportunidade pode corromper essa tua aura e arruiná-la. Tudo isto soa mais poético do que devia, na verdade.

O silêncio toma conta da nossa conversa. O Martim começa a brincar com o isqueiro de plástico e vai revezando o olhar entre mim e a chama. Talvez não seja quem diz que é, talvez possa ser alguém que me ame. Ou talvez eu queira alguém que corrompa a minha inocência. Ou então estou só a ser um completo idiota, mas não consigo deixar de me sentir atraído.

Estende-me o isqueiro. Agarro-o e tento criar uma chama, mas sem sucesso.

— Deixa-me ajudar-te.

A sua mão apodera-se da minha e força o movimento correto. Sinto-me a corar. E aqui está, *a chama*, à vista de quem a quiser ver.

— E se eu quiser experimentar algo novo? E arriscar danificar essa minha aura?

Já devia estar à espera do seu olhar, mas veio com mais intensidade do que antecipei. Sinto um formigueiro a subir pelo meu corpo.

— Não tens de o fazer, Samu. Acho que não faz parte da tua personalidade e está tudo bem com isso.

— Queres ver? Dá-me um cigarro — digo, num lance de coragem. Sinto que tenho de arriscar, e gosto de como isto me está a fazer sentir.

— Não são cigarros, mas toma.

Seguro tanto no cigarro que não é cigarro como no isqueiro, com as mãos a tremer. Acho que já me arrependi.

— Precisas de ajuda?

— Não, deixa só...

— Vais perder a confiança se pensares demasiado.

Ponho o charro na boca e acendo-o. Dou uma passa e começo a tossir quase instantaneamente. O olhar do Martim está fixado em mim.

— Ainda bem que não apostei com ninguém — solta ele, ainda com os olhos muito abertos.

Sento-me no chão e ele coloca-se ao meu lado, ajeitando a camisola. Fica-lhe larga, de uma maneira propositada. Nota-se que a comprou dois números acima. É roxo-escuro e macia, mas parece conter tanto dele. Parece guardar os seus segredos e a sua essência, de tal forma que me dá vontade de lhe tocar. Apesar disso, não o faço. Seguro no charro, enquanto ele aproxima a boca para dar um bafo.

— Há quantos anos?...

— É que eu fumo? Há três, talvez. Comecei no secundário pela terceira das razões que te dei. Era gordo e pouco social, estava desesperado por me sentir parte de algo. Por isso, fui pelo caminho mais fácil. Juntei-me a um grupo no qual, desde que fumasse, estava tudo bem.

— Mas agora... — começo.

— Agora já não sou gordo. Não sei se foi por fumar, ansiedade, ou se simplesmente cresci. Mas demorei muito tempo a aceitar-me, porque primeiro foi o secundário e depois a nossa comunidade. — Vê que vou começar a responder e apressa-se a acrescentar. — Não te vou deixar terminar essa frase se for sobre o meu corpo.

— Eu só ia dizer que te entendo — corrijo. Espero que ele não tenha percebido mal, mas a sua cara espelha algum choque. Será que não estava à espera de que outra pessoa pudesse entender?

— Nunca fui gordo. Mas já fui muito magro. Era um conjunto de ossos com uma camada de pele em volta e recebia muitos comentários sobre o meu peso e o meu aspeto. Sempre que tínhamos visitas em casa para um almoço ou um jantar, bastava esperar um pouco para começarem a comentar. Foi algo que me afetou durante muito tempo — confesso.

— E quando saíste do armário tudo se amplificou. Certo?

Não consigo conter o suspiro.

— Sim. Não sei... acho que tinha esperança de encontrar um lugar no mundo depois de me assumir. Apesar de todas as coisas mais negativas, esperava sentir-me parte de uma comunidade de pessoas como eu, que me compreendessem. O que aconteceu, pelo menos até certo ponto... Só que não foi por me compreenderem que deixaram de esperar algo de mim, do meu corpo e da maneira como me comporto. E também não era isso que eu queria, eu só desejava poder finalmente ser quem sou, sem rótulos. Honestamente, já não me afeta tanto como afetava. Desculpa, falei demasiado...

O punho dele cerra-se com força, enquanto eu meto a língua no céu da boca para conter as emoções.

— Não, está tudo bem. Não falaste demasiado — diz-me e acho que vejo um pequeno sorriso melancólico a formar-se no seu rosto.

— Samu! — Ouço a voz da Joana a chamar-me.

— Estou aqui!

Ela abre a porta, surgindo quase sem fôlego. Até o seu vestido verde-escuro está um pouco amarrotado, como se ela tivesse corrido pelo meio da floresta. Olha para o Martim e depois para mim.

— Estás bem? — pergunta, preocupada.

Olho para o Martim.

Apesar de ficar demasiado envergonhado na presença dele, não acho que esteja em risco de maneira alguma. Talvez afirmar que me sinto seguro seja demasiado, isso vem com o tempo, mas o que sinto, e que não consigo explicar, não está muito longe dessa segurança.

— Sim, estou. Vou ficar mais um pouco, se for OK. — Olho outra vez para cima, para a Joana.

— Tudo bem. É só que andava à tua procura e não te encontrava em lado nenhum.

— Não te preocupes, eu estou bem, podes voltar para a festa. Estou bem acompanhado. — Sorrio tranquilamente.

As sobrancelhas dela erguem-se em julgamento. Mas depois de refletir por alguns segundos, pisca-me o olho e volta para dentro.

— E se saíssemos daqui? — sugere o Martim assim que a Joana desaparece.

— Agora? Mas acabei de dizer à Joana que ia ficar aqui e daqui a pouco tenho de voltar para casa...

— Bom, eu vou bazar. Tu é que sabes se vens ou ficas.

O que é que faço? Se quero passar o resto da noite com ele? Quero. Se a Joana vai ficar preocupada quando voltar e não me vir? Vai. Se eu o vou fazer na mesma? Sim.

vou com o Martim. assim que souber
onde estou, aviso-te

Eu

— Vou contigo — afirmo, levantando-me.

Ele exhibe um sorriso matreiro que me faz encarar os seus lábios durante mais tempo do que devia. Sinto uma vontade enorme de lhes tocar, quase como se a gravidade me puxasse para eles.



Quatro

20 de agosto de 2023

Dois rapazes a andarem aos encontrões pelo meio de uma estrada em plena noite cerrada. A sola dos meus ténis chia e tenta colar-se ao alcatrão de tão peganhenta que está das bebidas deramadas na festa. Raspo os sapatos no chão para ver se passa, mas o barulho e a fricção do movimento fazem o meu corpo revoltar-se. Não é de todo dos sons mais agradáveis que já ouvi.

A brisa que passa por nós arrepia-me, mas isso não me impede de ir apreciando as feições do Martim pelo canto do olho. A única coisa que nos ilumina são os candeeiros da rua, pelo que o seu rosto não está cem por cento visível. Podia ser tudo imensamente poético, não estivéssemos nós a caminho de um supermercado.

— Martim, disseste que sabias o caminho e que estaríamos lá em poucos minutos — digo num longo suspiro.

— Eu disse que *achava* que sabia o caminho, nunca dei certezas de realmente o saber. — Faz um gesto com as mãos como se o que acabou de dizer fosse óbvio.

— Oh não.

— Havemos de lá chegar, não deve ser muito difícil. Continuamos simplesmente em frente e vamos acabar por o encontrar. — Se estivéssemos num anime, tenho a certeza de que ele teria uma gota de suor desenhada na testa.

Sinto que estamos perdidos e não adoro a sensação. Questiono-me se devia mesmo ter vindo com ele, mas a vontade que tenho de lhe dar a mão e de ouvir os seus sussurros húmidos no meu ouvido é resposta suficiente. O facto é que, hoje de manhã, quando decidi que queria experimentar aventurar-me, nunca pensei que estaria aqui menos de vinte e quatro horas depois.

— Martim? — A minha voz falha quando me apercebo de que não o vejo. Perdi-me nos meus pensamentos. O silêncio e a escuridão parecem aliar-se ao meu medo numa tentativa de destruir toda a coragem que ganhei ao arriscar vir até aqui. — Martim, por favor, aparece — suplico.

A estrada parece estender-se infinitamente. Está vazia, nenhum carro ou alma passa por ela. O asfalto está escorregadio da humidade da noite, as árvores que ladeiam a estrada parecem vigias silenciosas, com as folhas a sussurrar segredos à brisa que passa e me arrepia. O ar fresco enche-me os pulmões e traz consigo um aroma terroso, um misto de terra molhada e vegetação.

Enquanto caminho, os meus passos ressoam como uma melodia que me acompanha. Sinto-me pequeno perante a imensidão da escuridão e da paisagem. Não costumo ver muitos filmes de terror, e muitos dos que vi não eram lá grande coisa, mas sei que a fórmula é sempre a mesma: primeiro, começa a escurecer, depois o silêncio toma conta do ambiente; a seguir, as poucas luzes que restam começam a piscar, e é aí que alguém desaparece, ficando sempre o protagonista a chamar pelo nome do desaparecido, até que, de repente, *bam!* O monstro sangrento.

— Eu não sou fã de filmes de terror! — grito meio desesperado, parando de andar.

— Também não é o meu género favorito — diz ele, aparecendo atrás de mim.

Viro-me de imediato e tento abafar um pequeno grito de susto. Acho que acabei de parecer ridículo, e não quero que ele fique com uma má impressão minha.

— Não apareças assim do nada, por favor! Ou melhor, não desapareças de todo!

— Já que estás a pedir com tanto carinho — diz com um sorriso gozão, passando a mão na minha barriga.

Ele passou a mão na *minha* barriga. SIM, no *meu* corpo. Não estou a sonhar, acho eu. Tenho quase a certeza de que isto é verdade.

— Eu não desapareço mais. — O seu tom de voz fica mais grave, mais reconfortante.

Será que estou a corar? Provavelmente. Talvez devesse tentar esconder esse facto, não quero parecer desesperado. Se bem que até estou. Tenho quase 19 anos e nunca fui para a cama com alguém, mas não quero que ele se aperceba disso.

— Como tiveste a certeza de que gostavas de rapazes? — pergunto, para me distrair.

Voltámos a andar. O tempo parece suspender-se neste momento em que não há pressa, nem destino, apenas o prazer simples de estar presente, de caminhar e de descobrir cada traço seu.

Ele fica surpreendido.

— Ai, desculpa, ficou demasiado sério de repente. — Meto a mão à frente da boca para evitar que mais alguma coisa deste género saia.

— Não precisas de ficar tão preocupado. E quem disse que eu gostava de rapazes?

— Eu pensei que como, como disseste aquelas coisas... que... — gaguejo. Estive enganado este tempo todo?

— Estou a meter-me contigo. Claro que gosto de rapazes. Suspiro de alívio. Não foi desta que arruinei tudo.

— E então? — insisto.

— O quê? — Ele finge-se confuso.

— Como é que tiveste a certeza?

O Martim põe as mãos atrás do pescoço e olha-me de cima para baixo.

— Tu não tens?

— Não é isso. Não sei se o que sinto é assim tão específico. Eu gosto de pessoas em geral, não sei se me fico apenas pelos rapazes — solto de uma vez.

— Mas isso incomoda-te? — pergunta com um ar sério.

— Claro que não.

— Ótimo! Eu acho que isso é fantástico. Somos todos pessoas, não é verdade?

— Sim, sim. — Tento sorrir enquanto processo o que ele realmente quer dizer.

— De qualquer maneira, para mim são mesmo só gajos. — Encolhe os ombros desta vez. — Não há nada que ultrapasse um bom gajo.

— Achas? Se me dessem a opção, acho que escolheria não gostar de rapazes — digo.

— Como assim? Escolherias não te sentir atraído por mim? — diz, rindo-se.

Junto-me a ele e, de alguma maneira, os nossos risos passam a gargalhadas descontroladas e a alguns sons que roçam o animalesco.

— Adoro o teu riso — diz.

— Não! É horrível. — Conforme digo isto, o Martim puxa-me para mais perto dele, o que me revolve as entranhas. — Tens de trabalhar nessa autoestima.

Os nossos olhares estão fixos um no outro, enquanto o Martim se volta a aproximar de mim. Sinto a sua respiração a sincronizar-se com a minha e o seu bafo gelado a contrastar com o calor que se forma entre as minhas pernas. Parece que o tempo parou, e até espero que tenha parado mesmo.

Ele prepara a voz para falar. Sinto-o a manipular o silêncio e a monopolizar a minha atenção. Fico ansioso pelo que vai dizer.

— Acho que é melhor continuarmos a andar, antes que faça algo precipitado — diz, com um sorriso torto.

Ele está a provocar-me, certo? Não entendi mal, pois não?

— Sim — digo, com alguma timidez, enquanto ajeito as calças, ainda atordoado.

Voltamos a fazer o nosso caminho e, poucos passos depois, vejo um vidro a refletir as luzes da rua.

— Diz-me que é aquilo! Não aguento andar nem mais um segundo — reclamo, já perto do desespero.

Ele segue o meu olhar.

— Acho que se não for, vai passar a ser — diz com mais segurança e rapidez do que eu estava à espera.

Sinto o meu telemóvel a vibrar no bolso de trás das calças.

J Samu Maria! Diz-me já onde é que estás!

Eu já disse para não usares o Maria, eu nem sequer tenho segundo nome

J Pessoas que não têm segundo nome são estranhas. Nem parecem portuguesas. Eu preciso que tenhas um segundo nome para quando estás a fazer merda.

Eu joana, eu estou bem. acabámos de encontrar o supermercado

J Supermercado?

sim, eu estou com o rapaz de que te falei, não te preocupes

Eu

J Mesmo assim! 🙄 Estás com uma pessoa que conhecestes hoje, tem cuidado sff.

— Está tudo bem? — pergunta o Martim com um ar julgador.

— Sim, sim... porquê? — respondo enquanto escrevo.

— Porque estás a teclar com mais força do que a necessária e agora estás ligeiramente corado.

— Está tudo bem. Era só a minha melhor amiga. — Coço a parte de trás da cabeça.

Ele toca com um dedo no ecrã do telemóvel e faz pressão para baixo, como que a dizer-me para o guardar.

— Tens de ver isto... — Está com um sorriso vitorioso.

— Chegámos? — pergunto, enquanto guardo o telemóvel no bolso.

— Sim. Chegámos. Só que não a uma boa hora.

— Não. Não! NÃO! — reclamo desesperado.

— Hã hã. Está fechado — diz a olhar para os dois lados, como se estivesse a magicar algo.

Engulo em seco sem saber o que fazer. Isto não parecia estar nos planos e não sei qual é a ideia que vai substituir a original. A verdade é que nem a original eu sabia qual era.

— E agora? — suspiro com a respiração descompensada.

— Talvez haja esperança — diz num tom meio monótono. Para ele parece estar tudo bem.

Esperança? Sinto que a nossa noite perfeita ficou ligeiramente aruinada. Não acredito que tudo possa ficar por aqui.

O Martim começa a andar rapidamente enquanto procura alguma coisa no exterior do edifício. Observo-o com toda a minha atenção, talvez não tanto pelo que está a fazer, mas mais para reparar nos detalhes do seu corpo... mas não é isso que interessa agora.

— O que estás a fazer? — pergunto, ao fim de um bocado.

— O que é que achas? Estou à procura da chave suplente — diz, como se fosse óbvio.

Encaro-o. Ele vai-se esticando para chegar aos sítios mais altos, revelando o início do seu tronco, e agachando-se para procurar junto ao chão, o que realça o seu rabo. Estou a debater-me sobre se me devia juntar a ele ou não. Não quero que ele ache que não o apoio, mas honestamente não sei se o apoio.

— Por acaso não queres dar uma ajudinha? — pede com um ar falsamente indignado.

— Não sei se devíamos estar a fazer isto. Vamos entrar à socapa num supermercado? E as câmaras? De certeza que há câmaras... — digo um pouco alarmado.

— Na verdade, é um minimercado.

Não sei se este é exatamente o tipo de aventura no qual me quero meter, uma aventura com a polícia. Acho que só queria uma com o Martim. Tento não pensar demasiado, mas o meu corpo não está a cooperar. Se realmente quero algo com ele, tenho de pensar nisto como um teste.

— Lembras-te do que disse à porta da festa? — A sua voz entra sorrateiramente nos meus pensamentos. — Se pensares demasiado, perdes a coragem para fazer as coisas. — Abana o indicador, como se fosse o dono da razão e me estivesse a transmitir uma lição de vida.

— Segues sempre esse pensamento? — interrogo.

— Ouve. Se ao primeiro impulso algo me parecer minimamente sensato ou fazível, faço-o sem pensar duas vezes. É assim que vivo a minha vida.

Ele está a falar a sério? Acredita mesmo nisto?

Endireita-se, com a chave prateada a balançar no porta-chaves que agarra com apenas com dois dedos.

— Encontrei. Agora tu decides o que fazer a seguir.

Entrar ou não entrar? Arriscar ou manter-me onde estou? Talvez esteja mesmo a pensar demasiado.

A chave prossegue com o seu movimento pendular. Não acredito que estou a ponderar invadir um minimercado. Ou melhor, não acredito que *quero* fazê-lo. Agarro na chave. O seu sorriso matreiro aparece.

— Gosto quando segues os meus conselhos.

Passo por ele, deixando que os nossos ombros se toquem. Sinto o seu olhar no meu corpo e gosto disso. Suspiro.

A porta abre-se e faz tocar o sino que está por cima da ombreira. Assusto-me não só com o som, mas também com as mãos do Martim que agarram a minha cintura. Um arrepio percorre-me o corpo e sinto-me a enrubescer.

— Parvo! Assustaste-me! — digo, virando-me e tentando separar o meu corpo do dele.

— Eu sei que sou muito giro, mas não precisas de te assustar. — Sorri e puxa-me para perto, para que os nossos corpos voltem a estar colados, só que desta vez estou de frente para ele. — Ui. Estás a ficar duro? — pergunta, rindo-se. Não é um riso de gozo, é um riso de quem sabe muito bem o que está a fazer.

Afasto-me depressa e, sem dar conta, entro *efetivamente* no minimercado, atravessando a linha mental que traçara minutos antes, a linha que torna toda esta loucura real.

Tenho a cara a arder e ainda não estou em mim. Não acredito no que acabou de acontecer. Quero enterrar-me. E o pior?

Não posso dizer que não gostei.

Ele segue-me, mas já não se chega tão perto. Pelo contrário, acaba por seguir para outro corredor.

— O que queres comer? — pergunta ao longe.

Comida. Que fome que eu tenho. O meu estômago concorda, roncando, e tento esconder o barulho, tossindo. Não preciso de mais nada para me envergonhar.

— Qualquer coisa serve. — Tusso outra vez para disfarçar a minha barriga a dar horas.

— Vá lá, S. — A letra prolonga-se na sua boca e nos meus ouvidos, mexendo comigo a níveis atômicos. — Eu sei que tens fome. Não é por teres tossido que eu não ouvi o barulho do teu estômago.

Agarro-me à barriga e fito-a numa tentativa de lhe dizer telepaticamente para parar com os barulhos. Não percebi se foi da fome ou por causa da forma como o diminutivo íntimo, saído dos seus lábios, me hipnotizou.

— Talvez uma sandes? Um gelado?

— Pode ser um gelado, sim — afirmo com a cabeça.

— Qual?

— Há o sanduíche? — pergunto aproximando-me da secção dos congelados. Fico perto o suficiente para não parecer estranho, mas distante o suficiente para não me causar calor.

— Sim — diz, enquanto balança o gelado na mão para eu ver.

— Yaaaay! — exclamo numa tentativa de aligeirar o meu humor.

O Martim olha para mim com um olhar de «eu bem te disse». Ele tem umas expressões faciais muito específicas, o que me ajuda a acompanhar os seus pensamentos.

Passo os olhos pelos outros corredores. Dou a volta ao expositor de champô sólido a achar que vou encontrar o Martim, mas ele já não está onde era suposto estar.

— Outra vez não. — Olho em volta.

A sua cabeça sai de trás de um outro expositor, mais ao fundo do minimercado.

— Só vim deixar o dinheiro dos gelados aqui.

Acho que afinal ele até tem algum sentido de responsabilidade.

— Não achavas que íamos levar alguma coisa sem pagar, pois não? — pergunta com um ar um pouco admoestador.



«TU ÉS O QUE AMAS
E NINGUÉM TE PODE TIRAR ISSO,
A NÃO SER QUE O PERMITAS.»

Quando o Samu conhece o Martim, ele parece ser o rapaz perfeito: lindo de morrer e com um sorriso que apaga todas as dúvidas.

A atração entre os dois é inevitável, e nada, nem ninguém, poderá separá-los.

Só que o Martim não é quem parece ser...
E o Samu vai descobrir isso da pior forma possível.

Até conhecer o Filipe e entrar por um caminho que parece não ter retorno...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN 9789897875083



9 789897 875083 >

